

EM LOUVOR DA FILOSOFIA*

Sobre a Filosofia e respectivos cursos (no caso, a referência serão os cursos de Licenciatura) recorrentemente se disse e se escreveu mais ou menos tudo e o seu contrário, em síntese: que a Filosofia é essencial e conatural ao projecto humano e fundamento indispensável de todas as demais ciências ou que é de uma inutilidade cada vez mais evidente e total e votada a rápido e definitivo desaparecimento. E, para não falar da aparentemente humorística mas não menos corrosiva definição de que “a filosofia é aquilo com o qual e sem o qual se fica tal e qual”, existe ainda aquela posição do “senso comum” que torna o estudo da filosofia desnecessário uma vez que todos somos “naturalmente filósofos” (o que até não deixa de ser verdade, mas noutro sentido e com outras implicações...). Era, esta, aliás, a razão profunda das queixas de Freud a Einstein, quando lhe escrevia, dizendo “feliz de você que fala de coisas que as pessoas estão conscientes de ignorar, ao passo que das coisas de que eu falo todos pensam ter conhecimento inato...”. Citei os nomes de Freud e de Einstein, mas, como é sabido, todos os grandes nomes de qualquer área do conhecimento do passado foram, antes de mais e nunca deixaram de ser, filósofos e humanistas e não é por acaso que um dos livros fundadores da Ciência Moderna foi escrito em latim e com o título: “*Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*” (Newton) ou que Marx também intitulou as suas famosas “teses” ditas contra Feuerbach simplesmente

Fernando dos Santos Neves
Reitor da Universidade Lusófona de Humanidades
e Tecnologias
Director de “Metacrítica”

* O presente texto intitulado “Em Louvor da Filosofia” e publicado no Jornal “Euronotícias”, de 4 de Outubro de 2002, foi o primeiro texto da coluna “Omnitotidimensionalidades”! assinada pelo Professor Fernando dos Santos Neves, Director da “Metacrítica – Revista de Filosofia e Crítica” e criador da Licenciatura em Filosofia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

"Ad Feuerbach"! Como também não é inteiramente por acaso que, nas Escolas Anglo-saxónicas, os doutoramentos continuam a chamar-se, independentemente das áreas científicas em questão, "Ph. D." (o que significa, até porque há doutores actuais que já nem isso sabem, "Philosophiae Doctor, Doutor em Filosofia"!)). Sem transformarmos em sofisma simplista o raciocínio aristotélico contra os cépticos ("há que fazer filosofia pelo menos para tentar demonstrar que a filosofia é impossível!") e sem cairmos nos pântanos da "Filosofia Perene" dos escolásticos medievais ou das modernas "Seleções do Reader's Digest" ou das modas e superficialidades quase místicas de best-sellers como "Mais Platão, Menos Prozac!" (cf. Lou Marinoff, Edição Portuguesa na Editorial Presença) e também aceitando, obviamente, como exagero que não deve ser tomado à letra a afirmação de Whitehead, "Toda a cultura ocidental não passa de um conjunto de notas de roda-pé aos diálogos de Platão!", lembraria simplesmente o seguinte:

1. A falta da filosofia e da cultura filosófica no mundo contemporâneo é tão sentida que até vamos vê-la ressurgir em áreas e escolas onde menos seria de esperar. A revista italiana "L'Espresso" (Roma, 12 de Maio de 1995) resumia e concluía assim uma longa reportagem sobre as maiores Escolas de Management ou Gestão (Harvard, Paris, Fontainebleau, Londres, Barcelona, Milão, etc.): "Quer tornar-se director da Fiat? Leia Kant, estude Filosofia!" Quem não se recorda também de tudo o que foi dito e escrito sobre a falta que teria feito a Cavaco Silva a cultura filosófica para fazer dele um verdadeiro economista e não um simples contabilista (manda, aliás, a justiça dizer que o mesmo se aplica a grande parte dos chamados economistas da praça lusitana e arredores!). E quem já não se surpreendeu a pensar que é

da nossa classe política tem tanta falta de classe e de visão e de projecto e de estratégia e etc? A recentíssima nova "guerra do alecrim e da mangerona" entre os exércitos do Prof. José Manuel Baptista (o "cientista puro e duro") e o Prof. Boaventura Sousa Santos (o "puro e duro sociólogo") não deixa de remeter igualmente para a falta evidente de uma clássica e actualizada "filosofia" dos conhecimentos humanos...

2. A Universidade Lusófona, além de ter introduzido nas Universidades Portuguesas uma pioneira disciplina de "Pensamento Contemporâneo" (que existe, transversalmente, em todas as suas várias dezenas de licenciaturas de Humanidades e Tecnologias e reconhecida-mente constitui já um dos seus mais apreciados ex-libris), criou, em 1998, uma simultaneamente clássica e inovadora Licenciatura em Filosofia, com disciplinas que constituem estreias absolutas nas Universidades Portuguesas, como, por exemplo, "Eco-Filosofia ou Filosofia Económica", "Filosofia da Vida Quotidiana", "Introdução às Ciências Cognitivas", "Intertransdisciplinaridades", "Filosofia no(s) Espaço(s) Lusófono(s)", etc. Deverei, com pena, acrescentar que a afluência de candidatos a esta que continua a ser a única Licenciatura em Filosofia de todas as Universidades Privadas Portuguesas, ainda não correspondeu às nossas legítimas expectativas, ou, pelo menos, às reais necessidades do Espaço Português, do Espaço Lusófono e do Espaço Universal.

Terminarei este breve mas convicto "louvor da filosofia" com dois testemunhos, que também são dois apelos, de duas Personalidades sobejamente conhecidas e apreciadas na Sociedade Portuguesa. O primeiro é do paradigmático historiador nacional, Prof. José Mattoso, quando escreve, com alguma surpresa para todos os distraídos, sobre as vantagens da história (leia-se também e sem dúvida ainda

mais, "filosofia") relativamente às "saídas profissionais" no mundo de hoje: "Nos tempos de globalização e polivalência, tal formação promete as mais variadas saídas profissionais, mais do que muitas engenharias e especializações científico-tecnológicas. Tal formação abre hoje em dia possibilidades de colaboração proveitosa nos campos de turismo e lazer, na recuperação do património histórico e cultural, nas assessorias da comunicação social e relações internacionais, na dinamização cultural de mais variadas formas. É uma formação que promove a capacidade de pesquisar e juntar dados e analisá-los a curto, médio e longo prazos. É precisamente este tipo de competências que fazem muita falta neste país". O segundo testemunho e apelo é da internacionalmente reconhecida autoridade na própria Filosofia, tendo leccionado com grande êxito na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e, desde o seu início, na referida Licenciatura de Filosofia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Prof. Oswaldo Market, que me escrevia sapientissimamente em recente carta: "Lamento muy sinceramente la escasez de alumnos que acuden a la Filosofia. Para una Universidad privada debe soportar una carga muy negativa. Supongo que se debe a factores conyunturales y, sobre todo, a la falta de formacion básica. De todos modos, permitanme mis supremas autoridades académicas decirles que una Universidad puede prescindir de otras materias de gran interés, pero nunca de la filosofia. Podrá cambiar el cuadro de Profesores, reducir el número de materias, dejando las esenciales, buscar tal vez a alguna institución que quiera apoyar económicamente a nuestra Licenciatura de Filosofia, pero su desaparición convertiría a la Universidad en una especie de Escuela Politécnica." Pelo menos enquanto o homem não deixar de ser completamente humano e "animal racional", ultrapassados todos os "idealismos" e "materialismos" e "cien-

tismos" e "sociologismos" e todos os demais "ismos" simplistas, hão-de-ser as grandes "razões" e as grandes "ideias" dos grandes filósofos que hão-de continuar a interpretar e a transformar o "mundo"!